

O papel da comunidade científica nas universidades e as produções acadêmicas

A conceituação da comunidade científica pode ser vista como um espaço complexo de conhecimento científico constituído por um grupo de pessoas com especialidade científica, as quais se expressam por diferentes gêneros textuais e linguagens e que são “vistos pelos outros como os responsáveis pela resolução de um conjunto de problemas” (KUHN, 2000, p. 356).

Com relação à formação das comunidades científicas brasileiras, pode-se afirmar que estas não podem ser nem historiadas nem analisadas separadamente da evolução e da mudança de nossas universidades, pois, de acordo com Lovisolo (1997), hoje no Brasil, mais de 80% da investigação é desenvolvida nos centros das universidades, habitualmente vinculados a programas de formação de pós-graduação (mestrados e doutorados). Ainda segundo o autor, o reconhecimento do papel social do cientista, de sua legalidade e legitimidade, os esforços de financiamento de formação e produção científica e as esperanças postas nas suas contribuições para a sociedade significaram, e ainda significam, uma profunda mudança social e cultural, embora críticos apontem o declínio da figura dos cientistas como criadores, poetas ou revolucionários.

Assim, pensar a formação da comunidade científica implica refletir sobre a dinâmica das universidades. Nesse contexto, a política educacional referente ao ensino superior no Brasil tem por modelo universidades que mesclam influências europeia e norte-americana aliando ensino, pesquisa e extensão.

A comunidade científica nas universidades nesse contexto é o conjunto de professores e pesquisadores e seus alunos que desenvolvem suas atividades acadêmicas (ensino, pesquisa e extensão), nas instituições de educação superior e nas instituições de pesquisa. Por estarem em um espaço de circulação e socialização de conhecimentos, há necessidade de se evidenciar alguns aspectos observados pelos seus membros e voltados às regras estabelecidas formais e textuais, acordadas na e pela comunidade.

As regras formais estão previstas nas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas, ora doravante ABNT; quanto às textuais, podemos citar a impessoalidade, a objetividade, a clareza, a precisão, a coerência, a concisão e a objetividade. Ao ponderar que o docente desempenha um papel fundamental em um contexto de ensino, pesquisa e extensão, Ramires (2007, p. 4) afirma que a produção textual docente “é responsável por formular as representações de significados, socialmente compartilhados por seus membros, de uma determinada realidade para o conjunto da área em que atua”.

A Revista Interações tem propiciado, ao longo de 17 anos, um intercâmbio de experiências e de boas práticas com o objetivo de promover e ampliar o conhecimento mútuo, garantindo e impulsionando as publicações locais, regionais, nacionais e internacionais. Grande parte de suas publicações são oriundas de pesquisadores docentes e discentes de diversas universidades brasileiras e estrangeiras. Os artigos desta presente publicação assinalam uma diversificação de conhecimentos e propiciam discussões interdisciplinares que se voltam a políticas públicas, cultura, arquitetura, gestões administrativas, educação, artes.

Chama a atenção, neste número 1 de 2018, os artigos que discutem a questão da identidade cultural como forma de se pensar e analisar os fenômenos socioculturais da contemporaneidade e dos conhecimentos tradicionais, estes vistos por todas as formas de expressão, práticas, costumes e conhecimentos produzidos ao longo dos anos e passados de geração em geração.

É oportuna a discussão propiciada pelo artigo “Disseminação do ódio nas mídias sociais: análise da atuação do *social media*” ao trazer à baila o discurso de ódio nas redes sociais em que, segundo o psicanalista Contardo Calligaris, renomado autor brasileiro, “Deveríamos ter limites claros ao que é o campo da liberdade de expressão, que é intocável, e o momento em que aquilo se torna uma ameaça”.

Este volume propicia também uma discussão sobre a efetivação do direito à saúde assim como as políticas de educação profissional. Outras temáticas permeiam o desenvolvimento, seja ele local, territorial, sustentável, o panorama evolutivo da Rede Nordeste de Biotecnologia, sistemas de produção e economia solidária.

O Comitê de Redação, neste número 1/2018, mais uma vez agradece a todos os autores, aos Membros do Conselho Editorial e a todos os avaliadores *ad hoc*, pelo trabalho ao longo de 2017.

Vale ainda sublinhar que *Interações*, órgão de divulgação científica do Programa de Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco – programa recomendado pela CAPES e credenciado pelo MEC – solicita que todos os pesquisadores interessados pelo tema do Desenvolvimento enviem trabalhos inéditos para publicação neste veículo distribuído nacional e internacionalmente, entre instituições universitárias e organismos de pesquisa.

REFERÊNCIAS

KUHN, Tomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

LOVISOLO, Hugo. *Comunidades científicas: condições ou estratégias de mudança*. *Educação & Sociedade*, Campinas, ano 18, n. 59, ago. 1997. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73301997000200003>>. Acesso em: 24 jan. 2018.

RAMIRES, Vicentina. Gêneros textuais e relações de poder na comunidade acadêmica. *Revista do GEL*, Araraquara, n. 4, p. 129-47, 2007.

Arlinda Cantero Dorsa
Editora chefe